

A RUA ÀS PORTAS DA UNIVERSIDADE: ENTREVISTA COM BRUNO CARDOSO E WALLACE MORAES

THE STREET AT THE GATES OF THE UNIVERSITY:

INTERVIEW WITH BRUNO CARDOSO AND WALLACE MORAES

Entrevista realizada por Camila Bevilaqua e Paulo Couto

Wallace Moraes e Bruno Cardoso são professores do IFCS/UFRJ, respectivamente dos departamentos de Ciência Política e Sociologia. Nessa entrevista respondem alguns dos nossos questionamentos sobre o momento político recente do Brasil e da cidade do Rio de Janeiro, abordando temas como manifestações, mídias sociais, exército na rua e Copa do Mundo. Bruno Cardoso é pesquisador do Núcleo de Estudos de Cidadania, Violência e Conflito (NECVU), com experiência nos temas de comportamento desviante e sistemas acusatórios, polícia e vigilância. Wallace Moraes é coordenador do Observatório Do Trabalho Na América Latina (OTAL), especializado em teoria libertária, relações trabalhistas na América Latina e chavismo.

Esta entrevista nos foi concedida presencialmente, nas dependências do IFCS, em maio de 2014.

* * *

Revista Habitus: *Vocês poderiam falar um pouco sobre suas trajetórias acadêmicas - quais foram os lugares de formação, por onde vocês passaram e como vocês começaram a se interessar pela área que vocês estudam agora?*

Bruno: Minha trajetória acadêmica é uma trajetória bem monótona, digamos assim. Eu entrei aqui no IFCS em 99, no primeiro semestre de 99. Ao longo da minha graduação, digamos que eu passei um pouco pelas três áreas. Eu comecei mais interessado pela Ciência Política, ao longo da graduação eu fui me aproximando da Sociologia, e eu terminei a graduação tendendo mais pra Sociologia, mas com uma certa simpatia pela Antropologia. Mestrado e doutorado eu fiz aqui no PPGSA, também. Mestrado eu dei mais uma caminhada em direção a Antropologia. Já nesse momento eu tinha me afastado completamente da Ciência Política, e eu considero que a minha formação é um tanto híbrida, entre a Sociologia e a Antropologia.

No mestrado eu fiz uma dissertação sobre, eu comecei estudando pitboys de forma geral e eu acabei fazendo uma dissertação com uma discussão sobre sistemas acusatórios na imprensa carioca em torno dos casos, de alguns casos que, em 2004 foram classificados como ataques de pitboys. Tinha um viés bastante voltado para o interacionismo simbólico, puxando bastante pro Becker, principalmente, pro Goffman, um pouco, outros autores também, mas esses um pouco central. Já aparecia um pouco o Elias e o Foucault, também. No doutorado, eu fui orientado pelo

Michel Misse, assim como no mestrado. No doutorado, até na própria coisa que aconteceu no meu campo, no meio da minha discussão sobre pitboys, surgiu uma lei, uma discussão legislativa, em torno da obrigatoriedade de instalar câmeras de vigilância dentro de boates, por causa desse ataques. Isso me chama atenção, eu começo a ver que o governo, a secretaria de segurança instala um sistema de videovigilância, vigilância por câmeras em Copacabana, isso me deixa com uma pulga atrás da orelha e eu resolvi estudar isso no doutorado. Então, eu faço o doutorado sobre o sistema de videovigilância no Rio de Janeiro, oficial da polícia, da secretaria de segurança, com campo, eu sou bastante partidário do trabalho de campo, com uma análise qualitativa, com campo no centro de comando e controle, que era onde todas as imagens das câmeras da polícia eram reunidas e observadas, e no 19º Batalhão da Polícia Militar em Copacabana, que era um lugar mais específico que essa vigilância era realizada. Faço também uma discussão sobre circulação de imagens na internet, focalizando principalmente o Youtube, pensando como essas imagens circulam de forma diferente. A gente costuma achar que elas são bastante parecidas, mas em regimes bastante contrários. Uma parte desse doutorado eu estudei também na École de Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, um doutorado sanduiche.

Logo depois que eu termino o doutorado, eu sou um dos poucos da minha geração que não fez pós-doutorado, eu fiz concurso mesmo. Primeiro eu entrei como professor substituto aqui no IFCS mesmo. No segundo semestre de 2010, eu termino a minha tese em 2010, no segundo semestre eu sou professor substituto aqui. Faço concurso em 2011, e a partir do meio de 2011 eu me torno professor adjunto do departamento de Sociologia. E o tempo inteiro, quer dizer desde 2003, eu faço parte, como pesquisador, como mestrando, como doutorando, e posteriormente como coordenador de pesquisa do NECVU, o Núcleo de Estudo de Cidadania, Conflito e Violência Urbana. Eu digo que a minha formação é híbrida também por que tanto no mestrado quanto no doutorado eu fui orientado por um sociólogo, mas as minhas bancas foram todas compostas por antropólogos. Inclusive no doutorado o meu diploma saiu como antropologia cultural, por que eu, enfim, passei por um processo ali dentro, eu pedi pra não fazer as disciplinas obrigatórias de Sociologia e fazer as de Antropologia. Só pra marcar esse hibridismo da minha formação que eu acho que é fundamental, até pra forma como eu me compreendo.

Wallace: Primeiro eu quero agradecer o convite da Revista Habitus.

Bruno: Eu também quero (risos).

Wallace: Minha trajetória é um pouco diferente da do Bruno, quer dizer é próxima e diferente ao mesmo tempo. Eu sou do IFCS, mas aqui fiz História na minha graduação, entrei em 95, um pouco antes. Em história, eu já tinha todo um interesse pela Ciência Política. A minha monografia de final de curso foi sobre as eleições, a campanha eleitoral de 89 no Brasil. Então, eu já tinha todo um aspecto político envolvido, tinha toda uma formação marxista, embora não fosse o momento do marxismo, muito pelo contrário. A década de 90 foi um momento de extrema crítica ao marxismo, mas como eu sempre estive envolvido com movimento social - inclusive fui militante, fui do centro acadêmico de história e do DCE da UFRJ -, então sempre

procurei o próprio marxismo para a minha formação. Fui orientado pela Anita Leocádia Prestes, que é uma grande marxista daqui do instituto. Formado, eu comecei a dar aula, inclusive no ensino fundamental e médio, como historiador. Depois fiz uma pós lato sensu na UFF, em História Contemporânea, com discussão em torno do nacionalismo. Naquele momento, saio da discussão de campanha eleitoral e vou discutir nacionalismo, sobretudo a partir de Hobsbawm, mas não só, Ernest Gellner, Benedict Anderson, e outros autores foram muito importantes nessa minha monografia. E eu resolvi fazer mestrado e doutorado. Foi quando fui para o IUPERJ, atual IESP. Fiz mestrado em Ciência Política. O IUPERJ tem uma formação muito bacana, muito ampla, e ao mesmo tempo é um curso que você faz nove disciplinas no mestrado, tem que defender uma dissertação, tudo isso em menos de dois anos, e foi bastante importante para minha própria formação dentro das Ciências Sociais. Eu já tinha uma formação em História, não tinha uma entrada nas Ciências Sociais, que eu passei a ter nesse momento, no mestrado. Eu fiz uma dissertação, orientado pelo Cesar Guimarães, sobre teoria política, e fui discutir aquele que a gente pode chamar de o pai do liberalismo político, que é John Locke. A questão da propriedade, especificamente a teoria da propriedade privada, no pensamento lockiano. A partir daí, bem, eu fui Bolsista Nota 10 no IUPERJ, no mestrado, depois entrei no doutorado direto. Discuti teoria política com Locke, evidentemente dialogando com Hobbes, com Rousseau, com outros teóricos modernos, da Ciência Política, sobretudo, sobre a questão da propriedade. Eu tinha até uma perspectiva de ampliar, debater com os antigos e depois com os contemporâneos, todavia, quando estava no doutorado, em algumas aulas me interessei sobre América Latina. Então, migrei mais uma vez de objeto de estudo. Aí passei para uma pesquisa comparada, saio do campo teórico e volto para o empírico, como já tinha realizado na minha graduação. No doutorado, discuti a relação capital/trabalho no Brasil e na Venezuela, de forma comparada, especificamente nos governos Lula e Chávez. O chavismo estava muito em voga naquele momento. Defendi a tese em 2009, todavia comecei a estudar em 2006, 2007, quando redefini meu objeto de estudo. Então, o que Chávez fazia na Venezuela estava sendo muito discutido no âmbito político. O que era aquilo, qual modelo, se era um populismo, neo-populismo, se era efetivamente um governo que atendia as demandas da classe trabalhadora, ou se era social-democrata, ou marxista. Enfim, a questão do socialismo no século XXI, que estava posta. Evidentemente, como toda questão muito politizada, existia uma grande polêmica se era um governo bom para a classe trabalhadora, ou ruim.

Nesse momento, existia toda uma literatura na Ciência Política de que viveríamos num momento pós-neoliberal, no Brasil e na América Latina. Os casos do governo Chávez, Morales, Rafael Corrêa, principalmente, mas também Lula, a própria Bachelet, também no Chile, o Kirchner, a família Kirchner, na Argentina. Enfim, existia todo um processo e fui tentar empiricamente perscrutar isso. Efetivamente concluo na tese que o governo Chávez atendeu em grande medida interesses dos trabalhadores na Venezuela. Sobretudo em função da criação de novos direitos, da ampliação dos direitos trabalhistas naquele momento.

Ao mesmo tempo em que eu estou no doutorado, eu continuo – ainda que em menor intensidade - na militância política e social. Já tinha sido de partido político, mas tinha rompido.

Saí em função de toda a burocratização dos partidos. Robert Michels até me influenciou bastante nessa leitura. É um autor que a gente discute muito na Ciência Política. E passei a ter toda uma discussão sobre o anarquismo. Passei para uma leitura de Bakunin, por exemplo, de Kropotkin, Proudhon, os clássicos da teoria anarquista, que eu não tive acesso na minha graduação. Então busquei isso em função do que via no mundo, e aí acabei achando muito interessante essa perspectiva anarquista, ou o resgate dela, que foi alijada da academia durante muito tempo. Acabei entrando muito nesse campo e tentando construir algo nesse veio anarquista ou libertário. Tem o Castoriadis, o Deleuze, o próprio Foucault, em grande medida, que dialogam, que têm algum tipo de crítica ao modelo de um modo geral, críticas aos sistemas autoritários, críticas ao capitalismo, etc. Então, mais ou menos é isso. Acho que a minha formação é essa. Para finalizar, eu começo muito interessado pelo marxismo e depois eu vou militando mais nesse campo mais libertário, anarquista, com algumas críticas às perspectivas autoritárias, em todos os sentidos.

Revista Habitus: *A cidade do Rio, assim como outros lugares, tem passado por um momento de efervescência política – com os protestos de junho de 2013, as greves e a Copa do Mundo, esse ano. Que autores vocês acham que são bons para pensar esse momento?*

Bruno: Eu vejo essas transformações que a cidade do Rio, essa efervescência política que a cidade do Rio de Janeiro está passando, o Brasil de forma geral passou no ano passado, e que isso se fortalece um pouco no Rio de Janeiro, de muitas formas eu vejo como um movimento, entre aspas, de globalização. Não a globalização como se fala o que é a globalização, mas no sentido de, há uma proximidade muito grande entre o que acontece no Rio de Janeiro, proximidade e diferença, quero enfatizar a proximidade num primeiro momento, entre o que acontece no Rio de Janeiro e o que acontece, chega a ser até um clichê o que eu vou falar, e o que aconteceu na Turquia, o que aconteceu no Egito, o que aconteceu na Tunísia, de certo modo o que aconteceu em Seattle, de certo modo o que aconteceu em Wall Street, uma série de locais diferentes, na Espanha. E inclusive na França, também, com um viés completamente diferente. A mobilização na França foi uma mobilização conservadora. Foi uma mobilização anti-casamento homossexual, mas que está numa mesma onda, na minha concepção. A Ucrânia também. E eu acho que o cerne disso tudo, é uma coisa que eu venho insistindo, é uma revolução. Não uma revolução no sentido da Revolução Bolchevique, ou da Revolução Francesa, que são revoluções majoritariamente políticas. Eu vejo um componente de uma revolução tecnológica, digamos assim. Uma revolução à la Revolução Industrial. E seria uma revolução lenta, uma revolução que a gente não percebe com, enfim, quedas, embora tenha acontecido. Mas que o cerne dessa transformação toda está nas formas de mobilização. Bom, aí é óbvio que num primeiro momento surge a teoria do Castells, com a qual eu concordo até a página dois.

Então, eu acho que tem um componente tecnológico que está juntando uma série de insatisfações relativamente fragmentadas, relativamente plurais, numa junção, no espaço público, de pessoas que estão mobilizadas através da tecnologia, mas eu acho que tem mais do

que isso, eu acho que tem um componente de composição mesmo. E aí, eu vou pegar, não apresentei isso, mas digamos que a minha aproximação com o Wallace se dá também com o Foucault, a gente já tinha falado, mas principalmente uma concepção um pouco deleuziana do que está acontecendo. Um pouco não, bastante deleuziana do que está acontecendo. Deleuze fala, no *Conversações*, eu não me lembro mais em qual texto, não é difícil descobrir, é poder e alguma coisa, que há uma transformação, no final do século XX, que é um século que ele nem chegou a ver terminar, uma passagem do homem do carbono para o homem do silício. O homem do carbono é o homem da Revolução Industrial, formado basicamente pela, enfim, pela emissão de gases decorrente, não apenas pela emissão de gases, mas pela exploração das matérias primas de forma industrial. E o homem se organiza dessa forma, se organiza em torno dessa sociedade industrial. E o homem do silício é o homem do computador, que de alguma forma se organiza em torno do computador. Ele até fala que há uma diferença entre as formas de luta política no século XIX até metade do século XX, que são principalmente a greve, a sabotagem, e que não são mais gramaticais, não fazem mais tanto sentido na passagem do século XX pro século XXI, e que as formas principais de luta política seriam o hackerismo, seria a pirataria, seria distribuição de vírus, enfim.

Então, há uma outra, eu diria que há uma outra arena de luta bastante nova, que não é necessariamente só a rede, só a rede social, mas é a tecnologia de forma geral. É óbvio que a tecnologia sempre esteve em disputa, sempre esteve como parte fundamental numa arena de luta. Mas eu vejo, por exemplo, um caso específico: no Rio de Janeiro você tem, aí eu vou puxar um pouco pra área que eu trabalho, você tem historicamente uma tendência da polícia a impor sua autoridade arbitrariamente, inclusive forjando flagrantes. Se prende uma pessoa, a pessoa não está cometendo crime nenhum, não tem nada de errado, você coloca uma trouxinha de maconha, ou de cocaína, ou, uma pessoa que foi executada numa favela você coloca uma arma na mão dele e diz que ele estava em confronto, e todo mundo sabia que era isso. No mundo acadêmico, os jornalistas, os moradores, de forma geral na cidade, todo mundo sabia que isso acontecia, mas, enfim, ficava entre aquelas coisas "é assim", "não tem como lidar", "é um contexto de guerra". A polícia tinha, em relação à população que ela deveria reprimir, estou falando num caso micro, mas que isso pode ser pensado de forma macro, também, em relação à população que ela deveria reprimir havia uma certa permissividade pelo contexto de guerra. Estamos numa guerra, logo pode fazer isso, não há nenhum problema. Ao longo das manifestações, de forma surpreendente, a polícia tenta fazer isso em determinadas situações, tenta forjar flagrantes, ou então tenta passar uma determinada visão, um determinado discurso sobre o que estava acontecendo, e ela é desmontada, o argumento dela é desmontado, uma série de vezes, através de mecanismos tecnológicos, da tecnologia digital.

Num primeiro momento, quando as manifestações eclodem e que os jornais, tanto do Rio quanto de São Paulo, estão tratando essas manifestações como baderna, antes mesmo de surgir essa idéia de vandalismo, nas primeiras manifestações do passe livre em São Paulo e no Rio, o que prevaleceu na imprensa foram cenas do metrô queimado, da Alerj pichada (antes da Alerj ser atacada com molotov), da Alerj pichada, do metrô quebrado, de vitrine quebrada, de

loja quebrada. Esse era o discurso. Era o discurso dos baderneiros que estavam na rua. Não tinha se partidariado ainda o discurso. A partir do momento em que esse discurso oficial da imprensa, que estava no O Globo, na Folha de São Paulo, no Estado de São Paulo, ele começa a ser contraposto pelo discurso das ruas, não tem novidade nenhuma, as ruas sempre se contrapuseram a esses meios de imprensa, mas não só com argumentos, mas com uma série de imagens que demonstravam uma ação arbitrária da polícia contra jornalistas, principalmente. Tem um caso que é bem curioso, tratado num artigo escrito com a Fernanda Bruno, de uma enquete que estava tendo ao vivo no programa do Datena, em que o Datena tentava de qualquer maneira forçar que as pessoas respondessem que eram contra baderna nos protestos e as pessoas só respondiam que eram a favor, e o Datena não entendia. Ele não entendia por que essas imagens, esses discursos já estavam circulando, principalmente pelo Facebook e pelo Youtube.

Eu me lembro que, aqui no Rio de Janeiro, teve um ponto que eu considero de inflexão, que vem antes do dia 17, que foi a repressão aos manifestantes pró Aldeia Maracanã, no dia do jogo da Itália e México no Maracanã. Primeiro jogo da Copa das Confederações no Maracanã. Do lado de fora teve uma manifestação pequena contra Copa do Mundo, em defesa da Aldeia Maracanã, e ela foi reprimida com muita violência pela polícia. As pessoas foram perseguidas, inclusive, na Quinta da Boa Vista. E essas imagens circularam e tiveram um impacto muito grande. Elas foram responsáveis, não só elas, mas elas foram responsáveis, pelos 100 mil que compareceram no dia 17 de junho na Rio Branco, naquela jornada histórica, épica, que terminou com o ataque, eu diria o assalto à Alerj. Junta com isso, também, uma insatisfação sem cabeça, digamos acéfala, que percorria o Facebook, as redes sociais, uma insatisfação, aquilo que a gente chama de "contra tudo isso que está aí", que junta pautas de esquerda tradicional, pautas apolíticas e pautas de direita.

Então, no dia 17 de junho tem uma mobilização bastante surpreendente, muito mais do que as pessoas tradicionalmente mobilizadas no Rio de Janeiro. Enfim, nesse próprio dia você tem, também, digamos uma imagem bastante impactante do ataque à Alerj, você tem uma série de outras coisas, manifestações que acontecem no Brasil e que vão mobilizando mais gente pro dia 20 de junho que têm aquela grande passeata na Presidente Vargas. Também tem o jogo da Copa das Confederações, Espanha e Taiti. Há uma junção das duas coisas. E aquele dia também, num primeiro momento as imagens que prevalecem no noticiário são as imagens da destruição da Cidade do Samba, por exemplo, por vândalos. Enfrentamento, enfim, quebra-quebra de todas as vitrines de banco da Presidente Vargas. E, a partir do dia seguinte, principalmente, uma série de outras imagens daquele mesmo dia que mostravam a arbitrariedade e violência policial tem mais uma vez a capacidade de mobilizar pessoas. Bom, é óbvio que as ruas se esvaziaram um tanto nesse momento, mas foi havendo também uma certa radicalização de quem ficou na rua. E, posteriormente, começa uma nova fase em que a tecnologia digital, a internet, tem um papel ainda mais preponderante na minha visão, que é o surgimento dos midiativistas. O surgimento forte dos midiativistas em streaming. Eu lembro que a primeira vez que eu vi de casa uma transmissão por streaming foi na semifinal da Copa das Confederações, Brasil e

Uruguai, se eu não me engano, que aconteceu em Belo Horizonte. Aquilo, transmitido via streaming, foi uma grande novidade. Ver agência de carro sendo saqueada, carro sendo quebrado. E uma narrativa bastante diferente da narrativa da imprensa, da narrativa oficial. E essa narrativa ela tem um peso, ela tem efeito, ela desconstrói um pouco a assimetria de poder da imprensa oficial. Como ela já tinha feito com a destruição da narrativa policial e que tinha respingado na imprensa. Nesse momento eu acho que fica muito forte.

Continuando um pouco pra não me alongar mais, mas chegando num caso que eu acho bastante específico disso tudo, no dia 22 de julho, no dia da chegada do Papa Francisco no Brasil para a Jornada Mundial da Juventude, têm um grande confronto entre policiais e manifestantes em frente ao Palácio Guanabara, em Laranjeiras, logo depois da saída do Papa. É muito impactante, nesse dia, as imagens de coquetéis molotov sendo jogadas na polícia. Enfim, têm um policial queimado, têm um fotógrafo japonês ou chinês, não me lembro, da agência France Press que é atingido. A polícia diz num primeiro momento que ele é atingido por um coquetel molotov. E você tem algumas prisões sendo efetuadas naquela região. Uma delas de um estudante chamado Bruno Teles, acusado de ter arremessado o primeiro coquetel molotov, e de ter sido preso portando uma mochila com vinte coquetéis molotov.

Nesse mesmo dia, dentre esses outros manifestantes que são presos, são presos dois midiativistas, da Mídia Ninja. Então, eles são levados para a 9ª DP, que aquela que fica ali no Catete. Os midiativistas chamam as pessoas que estavam assistindo por streaming para irem para lá, protestar. Um grupo de 200 ou 300 pessoas, ficou em volta da delegacia, pedindo para liberarem as pessoas. Todo mundo que é preso é liberado, menos esse Bruno Teles, que teria tacado o primeiro coquetel molotov, e teria sido preso com 20, com a mochila com 20 coquetéis molotov. Dentre os que são liberados estão esses midiativistas. Um deles faz um discurso dizendo que uma pessoa estava presa injustamente lá dentro, e que essa pessoa que estava presa injustamente disse que não tinha jogado coquetel molotov, não tinha mochila, e que muitas imagens tinham sido feitas dele que seriam capazes de mostrar isso. Nesse momento junta o discurso desse midiativista com o do advogado ativista que estava lá dentro. Os dois chegam a uma conclusão, que eu não sei se combinada, mas os dois falam a essa imprensa via streaming ao mesmo tempo: “gente, vamos tentar encontrar essas imagens que relatam essa nova narrativa”.

Então, essas imagens são buscadas, há esse apelo à internet para essas imagens serem buscadas. Essas imagens são buscadas num trabalho de pesquisa distribuída. Aí eu vou mais uma vez me aproximar de uma concepção não só deleuziana, mas latouriana, da teoria ator-rede de forma geral. Há uma vigilância, digamos assim, há uma vigília, como diz a Fernanda Bruno, por que ao longo dessa madrugada essas imagens apareceram. Não só essas imagens apareceram. Essas imagens apareceram de forma rizomática, digamos assim, sem um centro. Elas aparecem de várias câmeras diferentes. E essa narrativa, a narrativa da polícia, que inclusive estava no Twitter da polícia, estava no jornal, ela começa a ser reconstruída, e reconstruída de uma forma bastante inovadora, no sentido de ter vindo a público. Era uma coisa que todo mundo sabia que acontecia. Como ela foi reconstruída? Bom, primeiro: muitas

imagens mostraram que o acusado de ter jogado o coquetel molotov realmente, em vários momentos do dia, estava sem mochila nenhuma. Segundo: apareceram imagens do momento que o coquetel molotov é arremessado, e ele está parado, xingando os policiais na frente. Ele não estava implicado naquilo, inclusive, se assusta e foge. Em outro momento, começam a aparecer imagens de pessoas acendendo coquetéis molotov e arremessando, e essas imagens são comparadas com outras imagens daquele dia, e chega-se a conclusão de que quem teria arremessado e jogado os coquetéis molotov eram policiais disfarçados. Policiais que foram identificados, foram filmados, foram fotografados, tiveram sua imagem compartilhada. Então, o compartilhamento dessas imagens, o que não necessariamente é novo, o compartilhamento de imagens, mas, principalmente, a busca distribuída dessas imagens e a junção dessas imagens em torno de um determinado eixo narrativo, inclusive a montagem das imagens, a edição, ela foi feita de forma colaborativa, também. Então, no dia seguinte a essa prisão você já tem um habeas corpus sendo emitido em favor do Bruno, você já vê morrendo o assunto para a polícia de quem tinha jogado o coquetel molotov, por que estava evidente que tinham sido policiais disfarçados, e a própria imprensa mudando completamente o discurso, repetindo essa nova versão que tinha surgido, inclusive pela primeira vez a imprensa oficial colocando o nome, dando nome ao midiativismo, a Mídia Ninja, que na época era o sinônimo de midiativismo.

Então, eu vejo esses autores, principalmente, que estou citando, o Castells, por que ele identifica algo de semelhante entre todas essas formas de mobilização, o que eu acho que têm, e acho que têm algo de tecnológico. Eu não concordo muito com as implicações políticas que ele vê nisso, nem com o que ele vê por trás disso tudo. E eu acho que têm um componente não explícito, mas que a gente olhando pelo ângulo, e eu não consigo olhar por outro ângulo, pela minha própria formação teórica, e pelos meus interesses de pesquisa, tecnologia e imagem, olhando por esse ângulo você tem uma recomposição a partir das novas tecnologias de compartilhamento, de captação de imagem, de compartilhamento de informação, de informação em tempo real, que cria uma nova, deleuzianamente, guatarianamente falando, uma nova máquina de guerra, uma máquina de guerra para enfrentar o Estado, que age de forma ilegal, por trás das próprias leis do Estado, e para enfrentar a imprensa brasileira que é mais poderosa do que o Estado, a gente pode dizer assim, você têm uma máquina de guerra formada por pessoas individualmente incapazes de combater, mas que através da tecnologia, dos meios tecnológicos contemporâneos, são capazes de compor um novo ator, ou novos atores que são móveis. Mas enfim, nesse momento você consegue juntar um composto de pessoas, de smartphones, de redes de 3G, de redes de wi-fi, de plataformas de internet, de computador, de pessoas agindo à distância, pessoas postando coisas, sei lá, na Austrália, no Japão.

Enfim, a tecnologia, ela proporciona a criação, a composição de uma máquina de guerra híbrida entre pessoas, máquinas e até ondas de wi-fi, ondas de 3G, que surpreende os poderes constituídos, que não estavam acostumados com essa forma. Eles estavam acostumados a combater, no máximo, o que? Arma. E os smartphones se convertem ao longo das manifestações simultaneamente em armas contra a polícia, que provocam uma desestabilização da assimetria clássica, e em escudos. Em vários momentos a violência policial foi refreada por um smartphone

levantado, ou foi punida por um smartphone levantado. “Punida”, enfim, a gente não sabe por causa da militarização. Embora não sejam autores que falem diretamente nisso eu vejo uma referência bastante forte, tanto ao Deleuze e ao Guattari, quanto ao Latour, na minha concepção do que estava acontecendo.

Wallace: Hoje tem uma grande discussão sobre qual foi o significado do movimento. Está em disputa a narrativa da revolta popular. E, aliás, eu estou escrevendo um livro sobre isso. Particpei ativamente de praticamente todos os protestos. Então, há uma perspectiva, muito comum inclusive naquilo que eu chamo de esquerda oficial - não governistas, mas oficial, institucionalmente -, de que os protestos não tinham pauta. Houve a crítica de que o movimento não tinha pauta, não tinha direção, portanto, não poderia avançar. É uma crítica clara dessa esquerda. E eu tento contrapor isso dizendo que o movimento tinha pauta sim, e essa pauta foi posta pela ação direta, outro conceito clássico do anarquismo, desde Bakunin, Proudhon, etc. Esse é só um introito pra gente poder depois discutir um pouco mais, ampliar o horizonte.

Bom, o que a ação direta, portanto, explanou para todos os cantos em praticamente todos os protestos, desde os primeiros que nasceram com 100 pessoas, e foram crescendo? A gente chegou a ter, na semana antes do dia 17 de junho, antes do ápice, chegou a ter 5 mil pessoas, depois com 30 mil, foram crescendo, e desde de os primeiros protestos o confronto com a polícia estava dado. Esteve presente, em todos eles. A polícia reprimiu com toda a sua força. Claro, sem tiro de bala letal, mas com bala de borracha, gás lacrimogêneo, gás de pimenta, etc. E, diferente do que a gente percebia no Brasil nas décadas anteriores, sobretudo na década de 90, mesmo a década de 2000, esses manifestantes entraram em confronto com a polícia. Era repressão sobre os manifestantes, que por consequência resistiam, e quebravam vidraças de bancos. E quebrar o banco, desde as primeiras passeatas é algo significativo. É uma ação direta que explica, que talvez mostre para todo mundo, pra quem quiser ver, evidentemente, que o banco é a instituição mais favorecida nesse tipo de capitalismo no qual vivemos atualmente. Esse é o primeiro ponto.

Depois, o ataque à própria polícia. E aí, entra na pauta a crítica a militarização da polícia, a truculência, a sua força empregada, na resistência a ela, na crítica que vinha das palavras de ordem desse movimento desde o seu início.

Junto com isso nós podemos perceber que todos os jornalistas da imprensa, do que eu chamo dos grandes oligopólios de comunicação de massa no Brasil, foram prontamente expulsos, quando identificados, de todas as manifestações. Além disso, vários carros das emissoras foram queimados nessas manifestações. Isso é outro ponto. E, junto a isso vinha uma mensagem que era o seguinte: “queremos a democratização dos grandes oligopólios de comunicação desse país”. A ação direta estava mostrando isso. A ação direta mostrou, e vinha também seguida pela palavra de ordem.

Então, a gente já tem a crítica aos bancos, que são a representação do capital financeiro, a crítica aos oligopólios de comunicação, a crítica às forças de repressão, aí representada pela polícia militar, e nós temos um quarto elemento que é fundamental: a crítica ao Estado como

um todo. Quando, no Rio de Janeiro, tenta-se atear fogo na Alerj, quando em Brasília tenta-se destruir o Congresso Nacional, em São Paulo a prefeitura, e por aí vai, por todo o país, isso tem um significado. Uma crítica contundente ao Estado. E quando se pega prefeitura, Congresso Nacional e Assembleia Legislativa, isso diz que essas casas não nos representam. Essas casas que, a princípio, eram para ser de representantes da população não representam a sua população. Acho que isso é outro sinal muito claro que é uma crítica contundente às instituições estatais e, sobretudo, às instituições representativas.

A gente tem outros vários pontos que a ação direta nos mostrou: quebrar McDonalds; quebrar multinacionais; quebrar concessionárias de carro de luxo; quebrar, no dia 20 de junho, no Rio de Janeiro, todos os pardais (câmeras de multas de trânsito). Nesse dia, eu vi os soldados do exército que ficam resguardando o Pantheon correrem das pedradas da população. Então, uma crítica contundente ao exército, que representaria as forças de repressão de um modo geral. E ao mesmo tempo, nesse 20 de junho, por exemplo, - e aí não dá para ter dúvida -, tinha pelo menos 1 milhão e meio de pessoas, nas seis pistas da Presidente Vargas tomadas, desde a Candelária até a prefeitura. Um estudo da COPPE-UFRJ disse que tinha pelo menos 1 milhão e duzentas mil pessoas. E a imprensa, com uma cara de pau, disse que tinham 300 mil pessoas. Só pra entender a discrepância. Bom, o que está posto? O movimento tinha uma pauta, e é claro que ela era muito heterogênea, foi infinitamente heterogênea. Tinha ali tanto populares sem nenhuma ideologia; tinha pessoas, digamos, com muita ideologia, militantes de partidos políticos; tinha os anarquistas, aliás em número muito pequeno, infinitamente pequeno. Não tinha nem como dirigir o processo, mesmo se quisessem. E têm grupos autônomos, autonomistas, dos mais diversos. Coletivos que surgiram há muito tempo, que vêm trabalhando no Brasil há muito tempo para construir algo. Acho, na verdade, que ninguém poderia prever que aconteceria aquilo, mas isso vinha sendo trabalhado por diversos coletivos há muito tempo. Então, como a gente pode agora associar isso a uma perspectiva teórica?

Só mais um dado importante: até 2013, como é que se caracterizavam os protestos no Brasil? Vamos falar do Rio de Janeiro especificamente. Os manifestantes se concentravam na Candelária, saíam em carro de som, o carro de som tinha os seus dirigentes, ou aqueles que se colocavam como dirigentes do movimento. Estavam lá os deputados, vereadores, os representantes de DCEs, de centros acadêmicos, os sindicalistas, todos disputando o carro de som, o microfone, e iam da Candelária pela Rio Branco até a Cinelândia. Na Cinelândia, tinha um palanque previamente montado. Esses políticos, enfim, esses dirigentes, ou pseudo dirigentes, desciam e subiam no palanque e de lá faziam outro discurso para a base. É a forma como se trata, eu estou só utilizando os termos, não são termos meus; eu estou só utilizando termos da política. E essa base não tinha direito à voz. Na verdade ela acompanhava, batia palma e escutava os discursos ou cantava as palavras de ordem entoadas por esses dirigentes. Bom, e ali os políticos estavam em campanha eleitoral.

Junho teve um significado absolutamente distinto disso! Primeiro, que as primeiras passeatas não tinham carro de som, não tinham. Então, diversos coletivos ou agrupamentos, enfim, eles cantavam as suas palavras de ordem na palma da mão, e cada grupo entoava a sua

palavra de ordem. Tanto que você vai ver diversas palavras de ordem ao longo da passeata. Se você circulasse a passeata toda, veria coisas diferentes: umas mais radicalizadas, outras mais reformistas, outras mais dentro do sistema, como a defesa da PEC, etc, enfim. Umas mais nacionalistas, outro componente também encontrado nas passeatas. Bom, o que está posto? Claro que depois, esses mesmos que dominavam a política até então, levaram seus carros de som para tentar dirigir o movimento, mas em junho eles foram amplamente rechaçados.

Quando acontece o 20 de junho, que é a de 1 milhão e meio, aí se criou, a meu ver, o fantasma do fascismo, pela esquerda oficial. As argumentações diziam: "bom, não podemos mais fazer a passeata", "a direita está dominando", etc. Nesse momento, ocorreu a união entre os governistas e esquerda oficial, que por decreto cancelaram as manifestações. Até então tinham duas passeatas por semana, na segunda e quinta. Depois do dia 20, só foi acontecer outra no dia 11 de julho. Foi a famosa passeata das centrais sindicais, que alguns setores falaram: "agora os trabalhadores estavam presentes". Como se na passeata de 1 milhão e meio não tivesse trabalhador. Como se o trabalhador representasse apenas quem faz parte do sindicato, e quem é direção do sindicato. Que é uma concepção de interpretação de movimento muito fechada dentro da perspectiva do século XX.

Então, qual é o ponto que eu quero trazer? Se a gente vê que não tem... se esse movimento negou, desde o seu início, que se tivesse uma direção, e ao mesmo tempo foi extremamente radicalizado pela ação direta, por tudo que fez, seja pelo enfrentamento com a polícia, seja pela quebra de vidraças dos bancos, do ponto de vista teórico, os pensadores anarquistas são os que melhor podem nos ajudar a entender o próprio movimento, pois já discutiam isso há muito tempo. E essas ações foram efetivamente, involuntariamente ou não, casadas com as perspectivas anarquistas. Por quê?

Porque, primeiro, houve uma descentralização do movimento, que é uma das bandeiras principais do anarquismo, assim se garantia que não tivesse hierarquia entre os manifestantes. Ainda presenciamos a ação direta, seguida pela crítica contundente ao sistema capitalista, ao Estado, a crítica contundente aos monopólios de comunicação. Aí, todavia, você perguntaria: "mas, Wallace, tinha gente que não tinha a menor ideia disso". E eu respondo: tinha. Existiam pessoas nacionalistas etc. Sem embargo, quais foram as expressões mais emblemáticas do movimento? Eu gosto de fazer um paralelo, por exemplo, com a Comuna de Paris. O que aconteceu na Comuna de Paris? Foi um movimento que nasce na Guerra Franco-prussiana, na qual os trabalhadores estavam em armas, muitos operários, e a França perde para Prússia, só para contextualizar. Depois os trabalhadores franceses, em armas, criam a comuna e se insurgem contra o próprio governo. Ao mesmo tempo eles se negaram à criação do Estado, se negaram a criação da própria representação política, negaram diversos fatores tradicionais ao que uma esquerda marxista clássica defenderia. E, apesar do número de anarquistas naquele momento ser menor do que das demais organizações, a pauta do anarquismo foi praticamente a hegemônica na Comuna de Paris. Não totalmente. Acho que esse é um paralelo com que aconteceu aqui no Brasil, também, nesse seguinte sentido, de tentar entender isso.

Queria agora ampliar um pouquinho o horizonte. Acho que o Bruno até já falou isso, mas eu queria só reforçar o que ele falou. Esse não é um movimento típico brasileiro. Isso tem um significado mundial e vem acontecendo, pelo menos, desde Seattle. Ou a gente pode pegar um exemplo num âmbito de Europa e Estados Unidos, ou a gente pode pegar um exemplo do que aconteceu em Chiapas, que é um dos principais exemplos para a América Latina, em 94. Seattle em 99 e Chiapas em 94. E aí, o zapatismo, o Subcomandante Marcos têm vários escritos que referendariam. Se eles estivessem escrevendo sobre esse processo, referendariam isso por completo: o caráter de insurgência, que não é dependente de representação, portanto, daí a crítica também, de maneira geral, aos partidos políticos. Veja, aqui é importante criar um parêntese: não que se defenda que se bata em militante, muito pelo contrário, foi abominável o que em certa medida aconteceu. Mas, na sociedade de modo geral, existe uma crise atualmente da representação política, seja no Brasil, seja no mundo. Onde não há voto obrigatório, a ampla maioria, mais de 50% das pessoas, não vai votar; ou se vão, votam nulo ou branco. Exemplo disso agora foi o Chile, há pouco tempo. A própria França, e por aí vai. Mesmo no Brasil, em 98, 40% da população ou se absteve, ou votou branco, ou nulo. O Fernando Henrique, portanto, foi eleito em 98 com menos votos do que os votos que a grande imprensa julga como inválidos. Como se não pudesse ter um componente de crítica, de maneira geral, ao sistema.

Então, tem muita gente pensando sobre o que está acontecendo hoje no mundo. Teóricos novos, o Bruno está aqui pensando, enfim, eu estou tentando pensar... mas eu acho que será um erro para qualquer pessoa que queira encontrar uma explicação, ou apontar para o que isso pode levar, quer dizer, ao que pode levar no futuro. É difícil. Primeiro, que ninguém previa que isso aconteceria. Agora, você apontar para o que pode acontecer é muito difícil. Claro, a gente pode estabelecer, com base no que vêm acontecendo, algumas projeções. Isso é possível que se faça, em função das tendências estabelecidas pelo movimento. Mas apontar com certeza que vai acontecer isso, aí você partiria para um determinismo, enfim, que não é muito salutar.

Bruno: Queria só complementar uma coisa, rapidinho. Não sei se o Wallace vai concordar comigo. Eu acho que ele vai. Mas, além mesmo, por que você diz que têm uma influência dos teóricos anarquistas, eu acho que têm, mas você diz que a grande maioria das pessoas não estava consciente disso. E acho que por trás até da influência dos teóricos anarquistas, digamos que o espírito do tempo nosso, ele está marcado pela horizontalidade, pelo desejo de horizontalidade, o horizonte da horizontalidade, e isso favorece a retomada dos autores anarquistas, e favorece a tomada de posições bem próximas as dos autores anarquistas por pessoas que não conhecem, e que se falassem que estão seguindo o que dizem os autores anarquistas diriam: "Deus me livre", "longe de mim". Algo semelhante.

Então, eu acho que essa horizontalidade ela de alguma forma, ela está relacionada com isso que eu chamei, a partir do Castells de uma outra revolução, como uma revolução tipo Revolução Industrial, no sentido de, assim como em, sei lá, 1790, as primeiras máquinas produzindo muito, máquina à vapor já posta em funcionamento, os teares mecânicos tudo isso, poucas as pessoas, se é que alguém olhou para aquilo e disse: "bom, temos uma revolução acontecendo". Eram mudanças. Se eu não me engano o Engels é o primeiro a utilizar o termo

"Revolução Industrial" em "A situação da classe trabalhadora na Inglaterra", de 1845. Ou seja, leva muito tempo. Levou quase 75 anos até chamarem aquilo de revolução. Então, eu acho que a revolução tecnológica que a gente está vivendo, a grande maioria das pessoas acha que é como com as primeiras máquinas. É alguma coisa diferente, provoca uma mudança, mas a concepção de uma revolução a gente está começando a sentir agora. E essa horizontalidade ela marca muito as novas gerações, que são as gerações já formadas através desse novo paradigma da internet, que nem sabem como era o mundo antes da internet. E se a gente pensar essas revoltas todas, elas têm um componente geracional impressionante. Eu não digo que é uma revolta dos jovens contra os mais velhos, não. Mas o componente geracional é o componente da mudança.

Na França, que é um país liberal, que é um país, digamos, com um perfil de esquerda intelectualizada, os jovens estão se revoltando contra esse perfil de esquerda, em busca de um conservadorismo. Na Venezuela a juventude está contra o chavismo. No Brasil, está de alguma forma contra o PSDB e o PT, que são a fonte de poder que a gente conhece. Na Ucrânia, é contra a Rússia. Então, é sempre, essas mobilizações elas são sempre contra o status quo, não importa se o status quo é mais a direita, se é mais a esquerda. Por que eu acho que é um mal estar geracional, dessa confrontação, desse desejo de horizontalidade, esse horizonte de horizontalidade, com um mundo estabelecido que quer impor verticalidades. Vários tipos de verticalidades. Então, é por isso que a gente não tem nem como saber, concordo 100%, não têm como fazer prognóstico nenhum, e ao mesmo tempo não tem como identificar algo unitário. Por isso eu ponho a tecnologia como o que une tudo. Eu vejo que têm alguma coisa que une, mas não é política. É uma política num sentido que a gente não compreendia. É esse desejo de horizontalidade difuso, não sempre organizado, mas às vezes organizado também.

Quando têm, logo depois do dia 20, esse dia de 1 milhão e meio de pessoas, e logo depois em São Paulo acontece algo parecido, que há uma percepção, digamos que é o dia em que os "coxinhas" vão para a rua, que surge também esse termo, e há uma percepção de uma transição daquele movimento para algo muito próximo do fascismo, todos nós ficamos preocupados com o surgimento de um fascismo. Percebeu-se, ou houve uma percepção difusa de que aquilo estava saindo do controle.

Então, a primeira coisa que teve no Rio antes dessa passeata do 11 de julho, teve uma assembléia aqui no IFCS (tem uma foto de todo o Largo tomado), e foi uma assembléia em estilo antigo, em que as pessoas se inscreveram para falar, foi aquela chatice insuportável. Eu nunca participei de assembléia por causa disso. Para mim é insuportável, é chato. E as pessoas ficam falando para impedir que a discussão avance, e adentrou a noite. Foi o que? Foram os movimentos de esquerda, que eram os donos das ruas desde sempre, que viram essa "coxinhização", digamos assim, essa possibilidade de fascismo, que estava decorrendo da própria situação de horizontalidade. Então, houve uma verticalização muito forte, retrograda na minha concepção, para controlar esse movimento que estava saindo de controle, que estava podendo virar um movimento de direita, podendo virar um movimento de extrema direita. Ninguém sabia mais o que estava acontecendo. Então, eu acho que ao mesmo tempo, dentro da própria esquerda que tradicionalmente se manifestava, houve um medo muito grande da

horizontalidade. Eu acho que esse conflito verticalidade/horizontalidade marca o conflito político que nasce das manifestações.

Wallace: Eu queria falar três coisas. Começar, então, pelos anarquistas. Eu não achei que os anarquistas tivessem influência, tivessem influenciado...

Bruno: Eu entendi isso, eu concordei com o que você falou. Você falou que eles tinham influência...

Wallace: Não, não. Eles não têm influência nenhuma. O que eles podem é explicar isso. Porque aqui na universidade não têm anarquismo. Os autores anarquistas não são apresentados para os alunos. Eu me formei aqui sem ler nenhum. Ninguém falou: "lê aqui". Então, assim, popularmente, o anarquismo não existia. Por outro lado, o movimento anarquista é muito pequeno, ele não tem a influência que alguns imaginam. A influência do anarquismo para isso foi, não vou dizer nula, porque aí já é muito, mas foi, enfim, ínfima. Todavia, o resultado do levante popular foi muito anarquista. Acho que esse que é o ponto. Aí entra a questão da horizontalidade, da descentralização. E indo para o segundo ponto que eu acho que talvez, não sei, é uma polêmica nossa: eu tenho desacordo da leitura que os partidos, que eu chamo da esquerda oficial, fizeram, dizendo que tinha componente de fascismo no dia 20. Eu acho que quando eles frearam o movimento, dizendo "não vamos mais participar", foi porque eles não conseguiram dirigir o movimento. Eles estavam acostumados a dirigir naquele modelo tradicional, em grande medida hierárquico e centralizado, como já falei anteriormente. Como eles não conseguiram dirigir o movimento em momento nenhum, e pior, ainda estavam sendo rechaçados pelo movimento - o movimento como um todo não, mas por parte dele -, aí eles falaram: "não, isso é de direita". Eu acho que eles não compreenderam que a horizontalidade não permite tentativas de direção, e quem tenta dirigir é amplamente rechaçado. Como a assembleia que teve aqui no IFCS com 5 mil pessoas, eu também estava. Aquela disputa pelo microfone, todos ali de partidos políticos, que se conhecem de movimento estudantil, disputando a tapas, porque no fundo todo mundo queria dirigir. E aí, a massa: "eu rechaço isso". Eu vi muita gente indo embora...

Bruno: Desmobilizou. Essa assembléia desmobilizou.

Wallace: Desmobilizou. Esse é um dos fatores, mas têm outros.

A esquerda - é muito polêmico, as pessoas não vão nem gostar quando eu falar isso - mas essa esquerda oficial, a esquerda governista sem dúvida trabalhou o tempo inteiro para desmobilizar, porque não interessa ao governo que tenha movimento popular na rua reivindicando coisas. Não interessa a governo nenhum. Nesse sentido, teóricos da Ciência Política, como Lipset, Huntington, Kurt Weyland e mais algumas dezenas deles defendem em comum uma grande tese, que ajuda demasiadamente aos governos da hora. Trata-se da perspectiva da democracia minimalista, segundo a qual o papel ideal do povo deve ser "ir votar de tempos em tempos e depois voltar para casa, e esperar que o seu governante cumpra o que prometeu. Se ele não fizer, volte a votar e escolha outro candidato". Simples assim. A demanda

popular, principalmente se vier por meio de protestos, segundo esses autores, é o pior cenário para a democracia, pois gera um problema para o Estado que não pode atender a determinadas demandas. Então, a esquerda governista, seguindo ou não esses teóricos, tentou desmobilizar e conseguiu. Agora, o problema foi que a esquerda oficial também trabalhou nesse sentido, infelizmente. Como explicar isso? Porque ela também não conseguiu dirigir o movimento que era horizontal, que era heterogêneo, e que tinham várias demandas.

Agora, dizer que era fascista eu acho que é um grandioso equívoco. Por quê? Antes de mais nada, é necessário entender o que é o fascismo para evitarmos ficar a reboque do senso comum. O que foi o fascismo na Itália e na Alemanha? É hierarquia, é disciplina, é enfim, verticalidade, é respeito às instituições, é exaltação do Estado, do líder, do chefe, do Führer. O fascismo é por natureza hierárquico e centralizado. Então... todos esses componentes não estão postos em nenhum momento pela insurreição popular. Normalmente o fascismo está atrelado a essas estruturas hierárquicas, policiais. Não ataca exército, não ataca as estruturas. Porque, aí é que está: teria que fazer uma discussão, que é o que eu estou escrevendo no meu livro sobre o movimento. Um movimento fascista significaria a valorização extremada da polícia e de toda força de repressão. E o movimento mostrou exatamente o oposto. Eu nunca vi um momento em que a polícia estivesse tão desmoralizada, quer dizer, na minha pouca história de vida, nunca vi uma polícia tão desmoralizada quanto em junho.

A partir dessas reflexões, não dá para caracterizar como fascista nem do ponto de vista prático, nem teórico. Agora, por que essa esquerda oficial chama de fascismo? Porque ela não dirige. E como ela não concebe que ninguém à esquerda dela tenha predominância: "bom, a esquerda sou eu, eu tenho o monopólio da esquerda, então, se é diferente de mim está à minha direita, está no fascismo". E foi triste desmobilizar um movimento desse, tão forte. Tanto que em 11 de julho, que foi o ato das centrais sindicais, e eu também estava, o que aconteceu lá? Aconteceu algo muito emblemático, que é muito grave. A polícia reprimindo, naquele momento já tinha nascido os black blocs, reprimindo fortemente os black blocs com tiros de balas de borracha e gás lacrimogêneo, e o carro de som do sindicato botou o hino nacional para tocar. Naquela repressão covarde! Aí eu fui e falei para o carro de som: "amigo o que é isso? Isso aqui não é ditadura. Como você vai botar o hino nacional se os manifestantes estão apanhando?" O cara tacou uma garrafa de água em cima de mim: "não temos nada a ver com esses black blocs, não". Enfim, evidentemente, depois de tudo isso, os black blocs quase derrubaram o carro de som. Ele teve que sair correndo. Ali houve um racha muito grande. Quer dizer, eu tô dizendo o black blocs, mas não só o black bloc, mas todos os movimentos autônomos, não hierarquizados, enfim, que estavam ali e que estavam apoiando, e que viram aquela cena, tocando o hino nacional diante da repressão, ficaram indignadíssimos. E aí, houve um grande racha naquele momento, entre quem até então estava em conjunto: a esquerda oficial, junto dos movimentos autônomos, que estavam com a mesma bandeira. Ali teve um corte, aí teve uma separação, tanto que criaram a FIP, criaram outras organizações para se juntar. E os próprios partidos também se organizam juntos, para fazer a auto-defesa.

Revista Habitus: *As mobilizações políticas recentes parecem mostrar um descrédito quanto às instituições políticas tradicionais, além de recorrentes demonstrações de violência. Vocês poderiam falar um pouco sobre os limites da participação política numa democracia, principalmente sobre a questão da violência?*

Bruno: Só finalizando uma coisa. Eu não falei dos fascistas, não era quem enfrentava a polícia, era mais quem estava de verde e amarelo.

Wallace: Sim, sim. Mas quando eu falei, não foi em contraponto a você, não.

Bruno: Mas, eu acho que uma coisa que marca esse descrédito, que era muito evidente naquele momento, talvez a gente não dê a devida importância para isso, é que a democracia como está posta tem determinadas regras, e essas regras, como em qualquer jogo, você pode manipular elas sem estar indo contra elas. E chegou um momento que eu acho que esse modelo de democracia ele estava relativamente desgastado, no sentido de: aprendeu-se a lidar com essas regras de forma que elas se tornem democráticas, elas continuam democráticas por que elas não estão indo contra o que está estabelecido, mas elas se transformaram em profundamente antidemocráticas. Vou dar um exemplo: não tem nenhuma ilegalidade no fato da bancada evangélica dominar a comissão de direitos humanos. Não tem nenhuma ilegalidade no fato da bancada ruralista comandar a comissão de meio ambiente. Não têm. O filho do Bolsonaro comanda a Comissão de Direitos Humanos na Alerj, ou na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro, não sei. Mas, enfim, se a gente for ver a composição de todas essas comissões, onde o principal da atividade legislativa acontece, a gente perde a noção disso, que o principal, por que as discussões deliberativas para a formação de um projeto de lei acontecem nessas comissões, elas estão dominadas pelos interessados em não fazer aquilo funcionar. A Constituição de 88, muito bonita, muito legal, a democracia representativa é ou não é, é um debate, a melhor forma conhecida de governo, a mais democrática, mas o fato é que se descobriram, usando uma metáfora horrível do futebol, os “atalhos do campo” para se chegar nos interesses, sem estar impondo esses interesses de uma forma aparentemente antidemocrática.

Então, quando a gente vê que as pessoas mais interessadas em não existir uma política para o meio ambiente estão na comissão de meio ambiente, quem é militante de meio ambiente fica desesperado. O descrédito é quase que uma consequência natural daquilo. É uma impressão de: “ta, a gente vai votar em determinada pessoa pra botar ela lá”. Mas se ela não estiver fechada com a bancada ruralista, estou dando o exemplo do meio ambiente, ela não tem nenhuma possibilidade de fazer nada. Então, acho que há uma compreensão, além do que tem essa compreensão de que a justiça não chega no dia-a-dia do cidadão, aí que vai gerar linchamento, o que é bastante complicado. Eu não sei se é mais uma sensação de ausência de justiça ou se é uma forma tradicional de se lidar com o conflito no Brasil, que é na base da porrada mesmo. Mas, eu acho que esse descrédito fez com que uma série de pessoas, principalmente jovens, não conseguissem ver outra forma. Outra questão, poderia ter sido um grande ganho das manifestações localmente no Rio de Janeiro, a CPI dos ônibus, que não saiu. Não saiu por quê?

Por que o presidente da CPI dos ônibus era diretamente implicado com a FETRANSPOR, com a Rio Ônibus.

Então, percebeu-se, de alguma maneira, que as formas tradicionais de atuação política, de luta política, elas estão todas viciadas, elas continuam ali, elas continuam com determinadas regras que são regras democráticas, mas elas estão viciadas, e a atuação através desses mecanismos ela está cada vez mais bloqueada. Ou melhor, ela não está bloqueada, ela está se bloqueando para um determinado grupo, e abrindo bloqueios para outros grupos. Se a gente pensar na discussão legislativa em torno, o Brasil passou anos discutindo uma PEC do trabalho escravo. Um problema histórico, gigante no Brasil. A gente no Rio de Janeiro não tem noção. Respinga alguma coisa na gente, na cana no norte fluminense, os bolivianos que trabalham aqui. Mas no Brasil, em geral, o trabalho escravo é um problema seríssimo. A gente passou anos e anos discutindo isso na Câmara e no Senado, e uma das coisas, só um exemplo para finalizar, uma das coisas, o que determina um trabalho escravo? Era uma série de características: a pessoa ter seus documentos retidos, a pessoa não ter opção de onde comprar seus víveres, ter que comprar naquela venda, não saber o preço das coisas, receber tal coisa, ter condições degradantes de trabalho, uma série de coisas que marcavam o trabalho escravo. Só que na legislação que passou, num primeiro momento, era: condições degradantes de trabalho, vírgula, retenção de documentos, vírgula. A bancada ruralista conseguiu bloquear essa PEC, que não foi aprovada até agora, não sei se eu não acompanhei, tentando colocar um "e" entre cada coisa, ou seja, não bastava você estar em condição degradante. Você tinha que estar em condição degradante, você tinha que ter o documento retido, tinham que todas as coisas coincidirem para o trabalho escravo estar sendo determinado. Foi o Fernando Henrique que começou com o combate ao trabalho escravo no Brasil. Foi um trabalho bonito, de certa forma, que juntou o PSDB e o PT, os dois grandes partidos nessa direção, e esse trabalho todo passa anos sendo construído para na hora que isso vai ser votado você vê mais uma vez esse vício, essa política viciada. Os ruralistas intervêm no momento exato para anular todo esse trabalho. Então, eu acho que nesse sentido a violência, talvez, seja uma ansiedade de participar politicamente, e uma concepção de que não é possível participar politicamente, ou não é possível participar politicamente, não é possível combater politicamente esses grupos que dominam as regras do jogo. Por que eles dominam, a questão é essa, eles dominam o jogo por que eles conseguiram, através das regras estabelecidas, se inserir nos pequenos vácuos para estar dominando tudo. Ou no jogo político partidário.

Wallace: Vou pegar carona com o Bruno, de novo. Acho que a gente tem muito acordo nas nossas análises. Vou começar pela bancada ruralista. Quando Victor Nunes Leal, em "Coronelismo, enxada e voto", mostrava a força dos coronéis no interior do Brasil, é importante frisar que ela não acabou. Acho que é isso. A bancada ruralista é uma representação disso. Embora Getúlio em 1937 tenha feito o ato simbólico da queima das bandeiras estaduais que, portanto, para alguns, representaria o fim do poder das oligarquias, é importante destacar que isso não se efetivou. As oligarquias continuam existindo. Então, podemos perceber o quanto que essa democracia está viciada, e o quanto que ela está dominada por esses grupos.

A democracia que deveria ser o governo do povo, é na verdade o governo de algumas pessoas/corporações com grande poder econômico. Essa é real representação da democracia. Fazendo um pouco o histórico: a gente passou por 20 anos de ditadura militar. Mas ela não acabou com o instituto do voto, por completo. O Congresso foi fechado em 1977, mas continuou funcionando durante o restante do período. A ditadura conseguiu conciliar perfeitamente o instituto do voto com censura e ausência de liberdade. Por isso, teimo em defender que o oposto à ditadura não é democracia, pois se ela é reduzida no limite ao direito de voto ela, é compatível com regimes autoritários. O oposto à ditadura portanto é a autogestão.

Tem um texto que é muito bom, que eu recomendo, que é de um brasileiro, Luiz Felipe Miguel, que foi publicado na Dados, já tem tempo, foi em 2003, se não me engano. O título, se eu não estou errado, é "A democracia domesticada com bases antidemocráticas", algo assim, não lembro exatamente o título [1]. É um texto fantástico que vem fazendo a discussão do quanto a democracia contemporânea atual foi reduzida ao aspecto do voto. Ao ato de votar. Isso não é democracia. Então, ele faz uma comparação com a democracia grega, dos antigos, que evidentemente tinha os seus problemas, com a exclusão das mulheres e com a exclusão dos escravos, passa por essa discussão da questão democrática na Idade Média, e depois mesmo no liberalismo.

É importante frisar que a democracia nasce em oposição ao liberalismo. Os democratas, no século XIX, estão em extrema oposição aos liberais. Depois, acaba confluindo, mas essa confluência que acontece no século XX ocorre em detrimento da própria democracia, enquanto tal. Por quê? Porque aí ela se resume ao ato de votar e não engloba nenhum mecanismo de participação efetiva da população, a não ser a de mero expectador dos atos dos políticos. Isso na prática não significa que o povo governe, como induz a entender a etimologia da palavra democracia.

Voltemos agora para o Brasil. Então, acabou a ditadura. Qual foi a grande esperança da geração anterior a minha? Era eleger o presidente desse país. A grande esperança da juventude da década de 80, das pessoas de um modo geral, era eleger o presidente: "a minha possibilidade de escolha vai mudar os rumos desse país".

E todos sabemos que a ditadura concentrou renda exorbitantemente. O Brasil cresceu muito sim, mas com riqueza concentrada. De modo que o país passou a ter ou a pior distribuição de renda do mundo, ou uma das piores. Variava entre as três piores.

A possibilidade de escolha do presidente foi o que movimentou a geração inteira. Em 1989, existiam 21 candidatos concorrendo às eleições. Inclusive tinham partidos coligados. Bom, era a grande esperança. E aí a esquerda deposita toda sua esperança no Lula, por exemplo. Por que o Lula? A simbologia do Lula era espetacular: nordestino, retirante, operário, fundador de um dos maiores partidos de massa do mundo, que era o PT. Fundador da Central Única dos Trabalhadores para aglutinar a luta contra o Capital. Tem um discurso do Lula em 89, aqui na Candelária, na campanha, que foi muito emblemático. A grande mídia, dizendo que se o Lula ganhasse, ia ser a pior coisa dos mundos. A nossa mídia é muito partidária, como toda

grande mídia no mundo inteiro. Se eu não me engano, o Mário Amato, que era o presidente da FIESP na época, falou assim: se o Lula ganhar, vão sair 100 mil empresários do país. E o Lula veio e falou no comício aqui da Candelária: “olha... nós queremos ganhar porque, se os empresários saírem do país, nós trabalhadores vamos ocupar as fábricas e geri-las a nossa maneira.” Olha só! Que discurso! Que ponto! E aí, como todos sabem, o Lula não ganhou em 89, ganhou o Fernando Collor, candidato das grandes elites, candidatos dos ruralistas, candidato, enfim, da Rede Globo de Televisão e por aí vai.

A perspectiva que ficou para a esquerda popular foi: tudo bem, não ganhou agora, vamos trabalhar para ganhar no futuro. O Collor caiu em 1992, sofre o impeachment. Em 1994, o Lula perde de novo. Perde em 98, mas ganha em 2002. Era a grande esperança. Aliás, o slogan era a “esperança venceu o medo”. Então, percebiam a simbologia para toda aquela geração, e para os filhos dela que apostaram na vitória de um partido que tinha como lema a ética. A ética na política, não tem roubalheira pra gente. Muito parecida até, tentando lembrar um pouco com o Jânio Quadros, o da vassourinha, limpar a corrupção. Fazendo um paralelo rápido, mas era a questão da ética.

Bom, Lula chega ao poder, agora vai mudar. A esperança, o sinal que foi emitido para a sociedade era de alternância, de mudança profunda. Qual foi a mudança profunda estabelecida pelos dois governos Lula? Essa é a grande pergunta! A grande mudança foi transformar o Bolsa Escola do Fernando Henrique Cardoso em Bolsa Família. E aí, quais foram as outras? É claro que os governistas/ petistas elencaram que o Brasil cresceu.

Eu acho que junho põe à prova, põe em dúvida todos os números divulgados pelos governos. Porque não é possível que simultaneamente em todas as capitais do país milhões de pessoas vão pras ruas protestar contra tudo! Contra o governo, contra a Copa, contra os gastos da Copa, contra o aumento do custo do transporte público, etc, etc. Então essas pessoas não estão satisfeitas. Não é possível que estejam.

Aqui no Rio de Janeiro, por exemplo, voltando um pouco aos protestos, daqui a pouco falo um pouco mais da democracia. Os protestos aconteceram em praticamente todas as cidades: Niterói, Nova Iguaçu, Caxias, São João de Meriti. Em bairros: Irajá, Bonsucesso. Os protestos ocorrem nas favelas Rocinha, o Santa Marta, tudo nesse momento. Quer dizer foi muito emblemático, é uma insatisfação generalizada que perpassou por todas as classes sociais. Evidentemente, num segundo momento, a grande mídia consegue controlar e estabelecer uma falsa pauta para o movimento. Que aliás, o governo adota: Ah, o povo queria a reforma política. Então vamos fazer a reforma política. Foi a primeira medida do discurso da Dilma.

Bom, aí voltando à democracia. Então o povo elege um nordestino, retirante e operário para fazer mudanças profundas e o Brasil continuou sendo o paraíso dos banqueiros. Essa é a marca fundamental do governo. Continuou sendo o paraíso dos banqueiros. Se você pegar, os números do Bradesco, Banco do Brasil, perceberá que os lucros estão se superando a cada semestre. E é por isso que grande parte desse movimento se indigna contra as vidraças desses bancos. Atentam contra eles.

Bom, depois do Lula, então, foi eleita a primeira mulher brasileira, primeira mulher a ocupar o principal cargo Executivo do país. Quem foi Dilma? Ela foi para luta armada, contra a ditadura militar. Olha que simbologia. Não tem símbolo maior do que isso. Então é, uma mulher agora, é o que muitos falam: “ah, mulher tem mais sensibilidade etc”, e o Brasil continuou sendo o paraíso dos banqueiros! Esse é o marco fundamental.

Ah! Dizem os petistas, o Bolsa Família tirou não sei quantas mil famílias da miséria. Para tirar essas pessoas da miséria absoluta o governo implementou um programa que o próprio PT criticava na década de 80. Isso é importante frisar. Um programa assistencialista que atendendo seus anseios de poder lhe rendeu uma indústria do voto. Os mesmos milhões que recebem o bolsa-família continuam sem a emancipação social, dependentes do Estado e fiéis do petismo. Uma verdadeira indústria do voto miserável.

Veja, não estou dizendo que sou contra o Bolsa Família. Não sou! Eu acho muito importante tirar pessoas da miséria, todavia acho que ela deve ser feita por outros meios e é por isso que sou socialista. Defendo que as pessoas tenham acesso aos meios de produção e possam geri-los coletivamente, com o fim da alienação.

E veja, o programa Bolsa Família não é algo que foi pensado pelo petismo. Ele existe no Brasil, na Colômbia, na Venezuela, na Argentina, em praticamente todos os lugares da América Latina com nomes distintos ou com um amalgama de programas assistencialistas. Isso é para garantir o mínimo de reprodução social dessas pessoas, senão a violência tinha uma explosão. Tal como foi na década de 90. O que foi a explosão da violência? Foi a explosão do desemprego, das desigualdades, das políticas neoliberais.

E por que estou falando tudo isso? É só para a gente poder entender as causas de a grande massa popular não confiar mais na democracia representativa. Esse é o ponto. Peguei o empírico para explicar a teoria. Fiz uma inversão da relação mais comum. Veja, você elege um deputado e não existe nenhum mecanismo de prestação de contas com o seu eleitor. Nenhum. Percebe? No fundo não existe nenhum compromisso. O que os críticos anarquistas dizem é que a redução ao ato de votar significa que você dá um cheque em branco para aquele deputado, ou vereador, ou para o cargo Executivo, sem qualquer compromisso.

Essa crise da democracia representativa não é um fenômeno exclusivo brasileiro, como eu falei anteriormente. É um fenômeno mundial. Na Venezuela, que eu estudo um pouquinho, a vitória do Chávez, portanto, foi o que salvou a democracia. Na Venezuela, por exemplo, tinham apenas dois partidos que concorriam praticamente sozinhos nas eleições. A AD, que é o partido da Ação Democrática, e o Copei. A AD era tida como centro-esquerda e o Copei de centro-direita. Desde o pacto de "Punto Fijo" em 58, só eles dois concorriam nas eleições e a maioria da população nem sequer votava, falava: não tem opção. E Chávez apareceu como a grande esperança para grande maioria da população venezuelana. Tal como o exemplo da chegada de Chávez ao poder na Venezuela temos outros pelo mundo. Não sei se foi tentativa deliberada ou não, mas é algo simbólico para gente analisar. Tivemos Lula no Brasil, Morales na Bolívia, Rafael Correa no Equador, e, pasmem, um negro, conseguindo o cargo Executivo de maior

expressão nos Estados Unidos: Barack Obama. O país mais racista do mundo, foi exatamente aquele que elegeu um negro para presidência. Que também estava naquele último suspiro de esperança de garantir a democracia representativa nos EUA, onde a maioria das pessoas opta por não votar. Podemos ampliar essas representações simbólicas que a gente vê na América Latina e nos EUA para os exemplos do Labor Party, partido trabalhista britânico, o Partido Socialista francês, Partido Social-Democrata alemão, o Socialista espanhol. Todos eles alcançaram o poder na década de 90 e implementaram as reformas neoliberais, que foram contra os interesses dos trabalhadores. Então a crise da democracia representativa significa que aqueles representantes não nos representam. No fundo, eles estão muito mais comprometidos com os donos do poder, sejam eles ruralistas ou não. Não só os ruralistas, mas os próprios banqueiros, e empresários capitalistas de um modo geral pelo mundo.

Então, para finalizar, tento trazer um conceito: o dos governados, que tento trabalhar a partir da dicotomia entre governantes e governados. No fundo, 2013, no Brasil, representou a revolta dos governados, claro, muito difusa, em parte nacionalista, por diversas questões, mas representou uma insatisfação com toda forma de governo. Depois dessa explosão em outros países, ela chegou ao Brasil e representa a crise da democracia representativa. A conexão entre governante e governado está impossível. Daí a importância do anarquismo, dos autonomistas, apontarem para auto-gestão, como solução para esse processo. Mas essa é uma outra discussão.

Revista Habitus: *Queríamos pedir para vocês falarem um pouco mais das mídias sociais e as novas tecnologias, em contraposição com o papel da mídia clássica, na cobertura dos movimentos políticos.*

Bruno: Nesse momento está se evidenciando uma coisa indiscutivelmente nova, nesse campo. Por que? É óbvio que essa divisão entre emissão e recepção ela é muito problemática. O receptor é passivo, não é passivo... Isso tem que pegar teorias da comunicação e a gente debate isso por muito tempo. Mas se a gente tomar essa dicotomia entre emissor e receptor de uma certa mensagem, de modo básico, analiticamente pra gente não se complicar muito. As redes sociais, o midiativismo, não necessariamente, chama-se jornalismo independente, mas é óbvio que não é independente, não é imparcial, é ativista mesmo. O que traz de muito diferente, em um primeiro momento já é que você quebra a unicidade do emissor. É óbvio que não é único, você tem vários oligopólios da mídia, mas que são únicos. Tem a antiga TVE que agora é a TV Brasil que é um canal petista, digamos assim, eu me sinto muito mais a vontade assistindo a TVE do que assistindo a Globo, a TV Brasil do que assistindo a Globo, porque tem uma perspectiva de esquerda minimamente.

O fato é que a mídia brasileira - quem me chamou atenção pra isso foi mais uma vez a Fernanda Bruno, pra essa questão do Datena - estava acostumada a que? Você fazia uma pesquisa dessa: você é a favor de protesto com baderna? Ela estava acostumada a que simplesmente as enquetes servissem para corroborar o que elas estavam dizendo. Era uma outra forma de dizer: “está vendo como é verdade, está vendo como o que a gente está falando é o que

o povo pensa. Não é a gente que está tentando impor uma visão qualquer”... E a partir do momento que um outro regime de discurso estava acontecendo nas redes sociais, e cada vez mais acontece, que você desestabiliza, vou usar de novo essa expressão, mas essa profunda assimetria de poder que existe entre receptores e emissores de informações, de comunicação.

Então os receptores, os que tradicionalmente são receptores, passam a ser também não só emissores, como produtores de conteúdo. Por que não é só você estar reproduzindo o que outros veículos talvez menos comprometidos com essas oligarquias estão dizendo. Você está produzindo conteúdo e o conteúdo que você está produzindo pode circular independente dos meios materiais, que tradicionalmente eram usados (Canais de televisão, de rádio, jornal impresso). Então a internet, se em um primeiro momento a internet surge mas não consegue desestabilizar isso porque, o esquema de blog funcionava, o esquema de site em um primeiro momento e depois de blog, funcionava, sim, funcionava, você podia ter um blog e conseguir ter sei lá 50 mil pessoas, difícil, 500 pessoas que assinassem o seu blog. Elas podiam receber um email, dizendo que você colocou alguma coisa, mas dificilmente as pessoas, ou uma parcela reduzida ia clicar no link e ia entrar efetivamente no seu blog e ia ler. A partir do momento que você tem o facebook e o twitter - eu estou resumindo, não é só facebook, twitter e youtube - as imagens também passam a ter uma outra conotação completamente diferente. São imagens que partem de um cinegrafista fragmentado, cinegrafista distribuído. Qualquer um pode ser cinegrafista. Então você tem uma nova possibilidade não só de emissor, e você desconstrói a tradicional divisão, que era uma divisão concentradora de poder no emissor, e o receptor era passivo ou no máximo influenciável, manipulável. Eu não estou dizendo que a grande mídia deixa de ter prevalência sobre a rede social, ainda tem prevalência, mas essa assimetria de poder tão grande, ela começa a ser mais complicada de ser mantida. Dá mais trabalho, muito mais trabalho pra grande mídia manter essa assimetria de poder que pra ela é quase natural, porque você teve a distribuição, durante a Ditadura, das concessões de rádios e televisão, e essas concessões eram dadas pra pessoas que estavam dispostas a apoiar, diria num primeiro momento o Estado e a partir de um determinado momento, pelo próprio desenvolvimento desses oligopólios políticos, a apoiarem a economia, digamos assim, economia entre aspas, um determinado modelo econômico.

Então acho que essa é a principal transformação trazida. É uma transformação que a gente começa nesse momento a sentir os primeiros efeitos, porque eu vejo cada vez mais, pessoas confiando mais numa notícia de facebook transmitida por militante, ativista, do que naquilo que chega nos jornais. Mais ainda, eu vejo as pessoas assistindo o jornal, eu não vejo, eu constato, as pessoas assistindo o jornal com o facebook ligado pra estar comentando a manipulação do jornal, comparando uma notícia com a outra. Então, eu acho que isso já basta pra dizer qual é a minha concepção desse impacto. É um impacto que a gente já está começando a sentir. Essa é minha grande esperança, a pluralidade do discurso. A desconstrução do discurso único da mídia. Eu acho que a médio e longo prazo, isso vai provocar um abalo, que a gente não tem ainda a condição de ver, pode ser pra um lado, pode ser pra outro, mas um abalo nesse mundo, que a gente conhece aqui no Brasil, que é um mundo dominado por três ou quatro,

dizem que são onze famílias que dominam todo o sistema de comunicação no Brasil. Essas onze famílias que dominam de alguma forma a realidade que chega pras pessoas. É bastante problemático falar isso, dominam a realidade, mas é isso, dominam, elas tem um monopólio de construção da realidade. Se esse monopólio funciona perfeitamente ou não é uma outra questão.

Wallace: Vou concordar literalmente com tudo com o que o Bruno colocou. Vamos pegar o protesto, o levante popular, enquanto objeto para análise e responder essa sua pergunta.

Eu acho que os protestos só foram possíveis em função desse midiativismo, no seguinte sentido: na medida em que a gente tem claro que o papel dos grandes oligopólios de comunicação de massa no Brasil, historicamente se colocaram contra toda forma de protesto popular, contra toda forma de greve, contra toda forma de contestação do sistema como um todo, podemos inferir muito facilmente que sem o midiativismo não existira o Levante de 2013. Na lógica dos oligopólios, é possível até criticar o governo A, B ou C, mas não se pode contestar o sistema como um todo. Em função desse papel histórico e da consequente censura que existe nesses oligopólios, dificilmente seria mostrado um policial batendo em um manifestante, como covardemente aconteceu, em uma grande rede de televisão.

Como isso foi possível? No facebook estava todo mundo vendo a repressão que tinha acontecido, repressão totalmente desproporcional, covarde, dos aparelhos de repressão do Estado sobre os manifestantes. Os manifestantes pediram: “não bata não, não bata” e o policial dando tiro a queima roupa, de bala de borracha. Uma coisa absurda. Isso indignou a população. Além do mais, entrou o corporativismo da categoria, pois alguns jornalistas foram gravemente feridos pelos policiais. E os meios de comunicação foram obrigados a mostrar isso. Nunca tinha visto isso, eles tiveram que ir a reboque do que estava sendo já divulgado amplamente pelo facebook. Essa postura dos oligopólios deu maior impulso para os protestos. Naquela semana foi o ápice, de 17 a 21 de junho.

Em função das novas revoluções tecnológicas, o midiativismo altera significativamente a percepção da política. Acho que cada um com um smartphone na mão e uma rede social, ele vira um jornalista em potencial. Esse é o grande diferencial.

Vamos pegar como exemplo uma passeata da década de 90 no Rio em que participei. Foi em 1998 e contra o governo Fernando Henrique Cardoso, com dimensões grandes para a época, grande assim, 30 mil pessoas. Para 2013 não era nada, mas em 1998 tinha tempo que não acontecia nenhuma passeata. Aí eu pensei, vou pra casa, ver qual vai ser a repercussão na grande mídia. E aí cheguei lá: nada. Sem nenhuma linha, nada. O Jornal Nacional no dia e o jornal O Globo, no dia seguinte, não disseram nada, como se não tivesse acontecido. E não existia rede social para divulgar aquilo. Então... não aconteceu. Aquela passeata de 30 mil pessoas não aconteceu para o Brasil. O Brasil não soube e nem os cariocas souberam, os que não estavam na Rio Branco na hora. Então... é uma forma de censura.

Todavia, o mais trágico, se não fosse cômico, ao mesmo tempo muito emblemático para mim, foi que na sexta-feira fizemos a passeata, não saiu nada sexta à noite, não saiu nada no

sábado... Naquele ano existia uma campanha para castrar pitbull, porque pitbull tinha matado crianças etc, saiu uma lei sobre isso. Então doze caras com pitbull fizeram uma passeata. Doze. E saiu na capa do jornal O Globo do domingo, os doze. Era a capa do jornal O Globo: donos de pitbull fazem protesto. Veja a prioridade jornalística: 30 mil não importava, mas doze era importante.

Então, o papel hoje dessa mídia, do midiativismo, ele é fundamental, pois consegue colocar em xeque as próprias notícias dos meios de comunicação. Junho colocou em xeque. Uma das principais palavras de ordem do movimento desde o seu início era "A verdade é dura, a Rede Globo apoiou a ditadura". A crítica aos meios de comunicação é fundamental, tomara que continue ganhando corpo. Eu não posso dizer que é irreversível, porque é possível que se crie algum tipo de censura e eles com certeza já devem estar pensando nisso. Porque isso abala. Isso abala o poder. Porque uma das grandes formas de poder é essa: o monopólio da informação.

Tem uma teórica que se chama Elizabeth Noelle Neuman, que tem alguns textos discutindo no campo da teoria da comunicação e ela trata de um conceito que se chama espiral do silêncio. Esse conceito significa que aquilo que não é dito nos grandes oligopólios da comunicação, parece não existir. Portanto, a pessoa que é crítica e pensa diferente daquilo que é difundido, ela se sente intimidada ao expor sua opinião em público. Enquanto aquela pessoa que assiste ao Jornal Nacional todos os dias e reproduz o que o William Bonner fala na televisão fica super à vontade para expor "sua opinião", pois está falando aquilo que é o senso comum.

Isso também acontecia nos protestos, as pessoas tinham que se colocar contra os vândalos. Nomenclatura criada pelos oligopólios de comunicação de massa. Criou-se esse conceito fluído, completamente descolado de qualquer realidade. Aliás os vândalos, na verdade, foram os que destruíram o Império Romano, portanto, seria algo de positivo, mas enfim... E aí de você que defendesse aqueles que estavam quebrando as vidraças dos bancos. Aí de você! Porque criou-se um consenso de que você não poderia, de maneira alguma, fazer aquela defesa. E isso chama-se espiral do silêncio.

Então pra concluir: essa mídia, esse midiativismo, em que todos nós podemos nos transformar em jornalistas com um smartphone na mão e uma rede social, isso é muito bacana, muito válido, e com certeza, para responder a pergunta, não só tem tirado o poder dos grandes oligopólios de comunicação, tem tirado, junho mostrou isso, mas não tira totalmente. É o que o Bruno falou, eles continuam ainda. Eu acho que a juventude hoje não assiste mais Jornal Nacional, e é muito possível que essa juventude hoje, ela já está nascendo em um novo contexto, um novo mundo, que ela não foi acostumada a assistir o Jornal Nacional, a se informar pela televisão, ela tá acostumada a se informar pelo facebook. E aí isso abre uma grande oportunidade para efetivamente o declínio desses grandes oligopólios. Todavia, as gerações que foram acostumadas a se informar pela televisão, pelos meios tradicionais de comunicação de massa, elas ainda continuam presas a isso, embora aos poucos vão se descolando, mas continuam muito presas. Então eu acho que tem aí um componente geracional. Os mais jovens estão mais descolados desses aparelhos, portanto, eles podem, não estou dizendo que vão,

podem, por consequência, se transformar em pessoas mais críticas. Por quê? Porque ao assistir ao Jornal Nacional, se informar pelos grandes oligopólios, você não se transforma em uma pessoa crítica, você se transforma em pessoa adaptada, subordinada ao sistema de maneira a entender que não tem alternativa, não tem solução radical das questões. Você sabe que tem problemas, mas não tem canais de transformação.

Bruno: Só complementando uma coisa, no que ele estava terminando de falar, eu tenho repetido muito que é uma grande diferença tecnológica, a televisão que marcou a geração dos meus pais, ela é uma tecnologia apaziguadora. A internet é uma tecnologia, o contrário de apaziguadora, me fugiu a palavra...

Wallace: Rebelde.

Bruno: Rebelde. Ela traz a rebeldia, ela traz a inquietude. Ela é inquieta, ela não apazigua. Então, por isso que eu insisto nessa questão de uma revolução tecnológica que a gente está vivendo. E os indivíduos hoje, com todos os problemas que se tem pra falar indivíduo, o indivíduo hoje é diferente do indivíduo que nasceu 10 anos antes, o jovem de hoje, a pessoa que nasceu 10 anos antes dele, a pessoa tem uma diferença, um gap imenso que é muito complicado até de ter uma confluência cognitiva entre os dois. É complicado de conversar e ser a mesma coisa, por que a gente está, aí eu vou na minha referência teórica mesmo, a gente é composto também pelos objetos nossos, da mesma forma que dizem que o homem contemporâneo, enfim o homem anatomicamente moderno, não é o homo sapiens, é já o homo sapiens que consegue utilizar determinados instrumentos. Por que eu estou dizendo isso? Porque na Biologia você tem a concepção que a partir do momento que chega no homo sapiens a evolução está completa. Mas não, a nossa evolução é também uma evolução, que não tem nada a ver com evolução no sentido antropológico, no sentido morfológico, é a gente se adaptar aos nossos objetos, porque enfim, quem trabalha no computador como eu, como todos nós aqui provavelmente, sabe o quanto o computador tem uma tendência a encurvar todo mundo também. Os objetos materiais que circundam a gente eles vão transformando o nosso corpo, não só o nosso corpo, a nossa cognição.

Então esse impacto da internet principalmente, a gente cada vez sente mais ele e inevitavelmente essa geração que já nasce com a internet, ela é uma geração em todos os sentidos diferente da geração anterior. Isso não é determinismo tecnológico. Não é determinismo tecnológico, por que eu acho que a tecnologia, o determinismo tecnológico, você imagina que a tecnologia vai ter um determinado efeito necessariamente. Não! Eu acho que tanto a gente vai transformando a tecnologia. O Steve Jobs quando cria o iphone, porque a gente fala smartphone, mas basicamente o que estava no midiativismo era o iphone, e o iphone é também o primeiro smartphone que surge. Quando o Steve Jobs cria o smartphone ele não tinha a mínima noção que o smartphone tinha a possibilidade de abalar o capitalismo como ele está abalando, pelo contrário, se ele soubesse, talvez ele não ... ou faria, pensando na juventude hippie dele, horizontal. Porque o berço da tecnologia informacional, o vale do Silício, foi formado por hippies, que foram, pelo menos na sua juventude, marcados pelo desejo de

horizontalidade. É por isso que todas as tentativas de censurar, de se centralizar a internet tecnologicamente foram burladas, por isso eu acho que é possível que arranjem uma forma de censurar o facebook, mas eu acho que o desejo de verticalização vai sempre estar correndo atrás da horizontalidade tecnológica que é a marca da tecnologia digital.

Revista Habitus: *Sobre a questão da segurança pública e os grandes eventos, vocês podiam falar um pouco dessa questão do exército? O exército esteve na Maré, fazendo a pacificação, e vai fazer a segurança, de certa forma, da Copa. Como é possível ver isso?*

Bruno: Bom, não é que o exército vá fazer a segurança da Copa, vai ser uma composição; o grande cerne, eu estou pesquisando exatamente segurança em megaeventos. O cerne do preparativo todo é o que eles chamam de integração institucional, que é mais uma coordenação. Você tem dois grandes órgãos, que é a SESGE, Secretaria Extraordinária de Segurança de Grandes Eventos, que foi criada para a Copa e Olimpíadas, que é subordinada ao Ministério da Justiça, que em tese estaria responsável por todo o planejamento; e o Ministério da Defesa, que seria parceiro. Só que, ao longo dos preparativos, o Ministério da Defesa foi ganhando mais destaque do que estava previsto num primeiro momento. Acho que tem a ver também com – a gente gostando disso ou não – uma maior competência da burocracia militar. A burocracia militar no Brasil é uma das burocracias que funciona melhor, para o bem e para o mal. Ela é uma das burocracias que funciona melhor. As secretarias de segurança, por exemplo, são muito suscetíveis a influências políticas; o governador tem uma ideia e muda completamente o planejamento, porque o governo teve a ideia, as burocracias militares não. Então acho que o exército vem ganhando, o exército mais que outros, dizem que os militares dizem que como tem muito mais gente no exército do que na marinha e na aeronáutica, quando você faz qualquer coisa conjunta, o exército bota muito mais gente; você bate no liquidificador e fica tudo com cor de vitamina de abacate, fica tudo verde, porque o exército põe 50 pessoas e as outras põe 5.

Então, digamos que as Forças Armadas, de forma bastante inquietante a meu ver, vem ganhando cada vez mais destaque na segurança pública. Por quê? Bom, você tem uma divisão constitucional entre segurança e defesa. Segurança é responsabilidade do Ministério da Justiça através das secretarias estaduais, é mais descentralizado, nos estados principalmente, há uma tentativa de passar isso aos municípios também, através das guardas municipais, mas é basicamente o estado. E o Ministério da Defesa é centralizado. Então, o Ministério da Justiça é a segurança e o Ministério da Defesa é o responsável pela defesa nacional, que são coisas definidas de forma diferente.

Nesse momento, tem uma coisa que eu estou estudando, escrevendo, pesquisando, você tem uma concepção tentando ser criada que seria de defesa social, substituindo segurança pública. Segurança Pública seria muito marcada como um trabalho da polícia, especificamente, seria muito identificado com a polícia. A Defesa Social seria algo que integraria várias instituições, inclusive a educação, por exemplo. A educação passaria a ser vista como responsável pelo trabalho de segurança. Isso é um pouco fruto das críticas que nós, cientistas

sociais, fizemos, de que a violência não é questão só de polícia, é pra englobar tudo, é pra todo mundo estar trabalhando, porque senão fica sempre a polícia que só sabe agir de forma violenta, eles são treinados pra isso. Mas só que isso ao mesmo tempo cria uma nova figura jurídica, que rompe as barreiras legais, entre segurança e defesa. Então, esse novo modelo da Defesa Social pressupõe cada vez mais, havendo necessidade, uma participação das Forças Armadas na segurança local. Isso por si só já é uma coisa perigosa. Mas mais do que isso, em relação aos megaeventos, não é uma exclusividade do Brasil. Vários países em que ocorreram megaeventos, a gente pode falar da Inglaterra, pode falar da Grécia, pode falar da África do Sul, a gente pode falar até da Alemanha. Alemanha, por exemplo, o exército alemão – que foi completamente reformulado depois da derrota na Segunda Guerra – só podia atuar externamente, no exterior. Ele manda tropa para o Afeganistão, por exemplo, mas ele não atua dentro da Alemanha. A partir da Copa de 2006 tem a possibilidade dele atuar na Alemanha; na Copa de 2006 ele atuou no território alemão. Ou seja, você tem no embalo dos megaeventos uma série de novas situações que são identificadas por autores estrangeiros – eu citaria aqui Richard Giulianotti e o Francisco Klauser, com coisas bastante interessantes sobre segurança em megaevento – você tem um processo comum de militarização da segurança pública. Sem dúvida, se toda segurança dos megaeventos ficasse a cargo das polícias, os buracos que existem seriam muito maiores, muito maiores. Então, nesse momento, para enfrentar as ameaças novas, porque megaevento é uma globalização forçada, então a gente agora, por exemplo, está se preocupando com terrorismo, que não era uma questão brasileira. Então, pra todas essas novas ameaças, pensa-se – não sei se é verdade – que as forças armadas são necessárias também.

Uma outra questão que surge, paralela a isso, é que com as manifestações, com a evidência de que foi algo que partiu, foi gestado, foi gerido, foi pensado, foi inflado nas redes sociais, há uma percepção de que essas redes sociais precisam ser monitoradas, precisam ser estudadas. No embalo dos megaeventos, mas não exclusivamente, foi criado pelo Ministério da Defesa um órgão chamado CDC, Centro de Defesa Cibernética do Exército, ou seja, você está formando, através da burocracia militar do exército, essa burocracia eficiente para o bem e para o mal, você está formando oficiais especializados em monitoramento digital, monitoramento cibernético; uma espionagem digital. Isso é com foco também nas ameaças de terrorismo, na investigação pra terrorismo e na defesa do espaço cibernético. Porque o espaço cibernético aparece agora como o quarto espaço após o aéreo, marítimo e terrestre, a doutrina das Forças Armadas já identifica o espaço cibernético. Então, a proteção do espaço cibernético é vista como fundamental pra garantia de funcionamento; pra você não ter um ataque de hacker, por exemplo, sistemas nos aeroportos da Infraero darem pau, pra se criar o caos... É só a gente pensar, vocês não devem se lembrar, o medo que as pessoas tinha daquele “bug do milênio”, ia ser uma pequena coisa que o mundo inteiro ia explodir, praticamente, por causa daquilo.

Então você tem a criação de um órgão chamado Centro de Defesa Cibernética, para os megaeventos um órgão de espionagem na internet, que não precisa seguir as milhões de regras pra você ter acesso as informações na internet, mas que vão acabar os megaeventos e vai continuar existindo, vão continuar treinando pessoas e eles vão fazer o que? Eles vão espionar

quem? Vão estar espionando a gente, vão estar espionando os ativistas de rede social, vão estar espionando os novos inimigos, os inimigos pra eles, que são os velhos inimigos e os novos também. Ou seja, isso me inquieta um pouco porque é algo muito pouco divulgado, muito pouco debatido, a grande maioria das pessoas não sabe.

Quando eu começo a falar isso, me perguntam: mas você acha que há uma possibilidade de ditadura militar no Brasil? Não, não acho. Mas estou menos seguro da minha resposta do que em maio do ano passado. Não estou querendo ser pessimista, mas realmente esses tentáculos rizomáticos... Porque até agora o que aconteceu foi o que? Os manifestantes, se a gente pensar no caso das manifestações, os manifestantes se comportaram rizomaticamente, divididos, sem centro, espalhados, se multiplicando, enfim, sem ser pela forma tradicional, institucional. E as instituições se comportaram da forma que elas sabem se comportar, de forma arborescente, radiculares, enfim, centradas. Partindo de um centro você pode querer se espalhar, mas você se espalha a partir de um centro ou através dos galhos; tem a metáfora da árvore e a metáfora da grama, porque a grama não tem centro, não se reproduz da mesma forma. E eu vejo esse Centro de Defesa Cibernética, mais do que qualquer outra coisa, como uma tentativa das instituições de atuarem no campo do rizoma, no campo do rizomático também. Isso começa a me preocupar, isso começa a acender o alerta. Como, não necessariamente igual, mas que aproximaria com o Brasil de uma NSA, só que uma NSA que não estaria monitorando os muçulmanos, não estaria monitorando os chineses, estaria monitorando o “inimigo interno”. E quem é esse inimigo interno? Bom, a partir do momento que você tem que monitorar o inimigo interno, não existir um inimigo interno é um problema menor. Você cria um inimigo interno, porque tem que fazer aquele sistema funcionar, porque aquele sistema tá montado, é caro, as pessoas são treinadas pra isso, tem um comandante. É algo um pouco aberto, não tenho como fazer um prognóstico; eu só levanto uma situação que a maioria das pessoas não está ligada.

Wallace: Existe toda uma discussão sobre o papel do exército. A gente está vendo hoje isso aqui na academia, diversos eventos contra a ditadura civil-militar, com vários temas: “para nunca mais acontecer”, “para nunca mais se esquecer”, “foi ditadura sim”, etc. Acho que é muito emblemático agora, no dia primeiro de abril de 2014 completando 50 anos do golpe, o exército estar ocupando a favela da Maré. Acho que isso é muito emblemático. Daí o que é importante para gente ver? O exército ocupou a Maré agora, em 2014, mas ocupou favelas no Rio de Janeiro nos últimos 20 anos. Não sistematicamente, mas ocupou, vez ou outra ocupa, desocupa, ocupa, desocupa; foram várias as favelas neste sentido. E a atuação do exército ou das forças policiais nas favelas não deixa nada a perder para atuação que o exército tinha durante a ditadura militar. Acho que isso é importante. Importante fazer esse tipo de denúncia, porque hoje nós vivemos sob o manto de democracia; só que uma democracia para a classe média, uma democracia para as elites. Mas as periferias e favelas do Rio de Janeiro estão sob controle militar praticamente o tempo todo. A UPP é controle militar das comunidades pobres. A UPP significa que o trabalhador que mora na favela corre o risco de ser pego para averiguação o tempo inteiro e isso não tem nada a ver com um regime democrático, com garantia de liberdade. Tem garantia de liberdade no asfalto, mas nas favelas e periferias, não tem. E o fato do exército estar lá ocupando

para um megaevento, para Copa, e vir ocupar as ruas, isso é emblemático, tem problema. Então, tem que chamar a força de repressão para garantir um evento? Em qualquer que seja o país, isso significa que sua população está descontente, significa que há descontentamento. Ou que aquele evento ocorre à revelia do interesse da população, o que ficou muito claro com a Copa das Confederações do ano passado e, aparentemente, acontecerá com a Copa do Mundo. E olha que futebol é a maior paixão do brasileiro, acho que ninguém pode ter dúvida disso. Todavia, até nesses momentos de futebol a população se indignou. Embora os grandes oligopólios de comunicação estejam trabalhando dia e noite para fazer com que a população pinte o rosto, pinte a rua, etc., etc., em favor da Copa, curta a Copa, como curtiu no passado. Só que hoje não está dando tão certo, é um ou outro que está pintando, comprando, mas da maneira generalizada como aconteceu em outras Copas, isso não acontece mais. O papel do exército nas ruas é um sintoma muito grave para toda a democracia, para toda a população, para as liberdades. O que é importante dizer é que nas favelas e nas periferias eles continuam sob o manto... como sempre estiveram no Brasil... Ou seja, os escravos do século XV ao XIX, sempre foram objetos de suspeição. Ser negro era ser objeto passível de repressão, de um Estado repressor; depois, no início do século XX, os anarquistas que eram hegemônicos no movimento operário no Brasil, sofreram, foram deportados, torturados, assassinados; depois tem os comunistas, que ganham força e passam a ter a maioria e vão dominar o movimento, e também foram muitos torturados, o próprio caso da Olga Benário; depois a própria ditadura que pega os estudantes, muitos estudantes vão pra luta armada; e depois, na década de 80 e 90, essa repressão é voltada para a periferia. O Estado enquanto aparelho de repressão esteve sempre presente na história brasileira, sempre contra os segmentos que pudessem ameaçar o sistema de qualquer forma, como esteve contra os manifestantes no ano passado e como estará agora na Copa. Então é isso.

Eu só queria falar mais uma coisa: que é mais uma representação do novo momento atual dessa horizontalidade, que foi a greve dos garis e a greve dos rodoviários. Ambos fazem por fora do sindicato, quer dizer, que significa o declínio daqueles institutos centrais de representação do século XX – que foram instituídos no século XX -, que formam os partidos políticos, os sindicatos e a participação institucional estatal. Praticamente, agora eles estão sendo postos em xeque. Ou seja, os trabalhadores, os garis, rodoviários no Rio, rodoviários em São Paulo, e diversas outras categorias que estão por fora do sindicato, atropelando o sindicato que tem acordo com os patrões etc, estão contestando o próprio corporativismo estatal brasileiro. Contestando essas representações que deveriam representar os trabalhadores, mas não o fazem. Os partidos que estão no poder fazem a mesma coisa: deveriam representar os trabalhadores, mas na verdade não representam e só atendem interesse de quem está em cima. Isso é emblemático. Tem uma frase até do Kropotkin, que é um autor que eu gosto muito e recomendo a leitura. Eu não vou lembrar exatamente do trecho, porque não é uma frase. Na verdade é um parágrafo inteiro, em que ele traz essa perspectiva de quanto o chefe da oposição e o chefe do governo, embora aparentemente em oposição, estão atrelados, muito imbricados, porque ambos defendem toda a estrutura existente, defendem o Estado. Então, um faz a crítica

ao outro pelo modo da gestão. A sua gestão é ruim, a minha pode ser melhor, mas não critica a hierarquização, a desigualdade, o autoritarismo, enfim, o próprio Estado e o sistema do capital e tudo mais. 🌀

NOTAS

[1] MIGUEL, Luis Felipe (2002) **A Democracia Domesticada: Bases Antidemocráticas do Pensamento Democrático Contemporâneo**. Dados – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 45, n. 3, pp. 483 a 511.